

DOROTHY KOOMSON

o amor
está no ar

Atreve-se a seguir o seu coração?

Tradução de Vera Falcão Martins

Prólogo

boas intenções

1. Cuidarás do teu sistema cardiovascular.
2. NÃO interferirás na vida alheia.
3. Mesmo que te tratem com enorme simpatia, lembrar-te-ás do 2.º Mandamento.
4. Pensarás antes de falar.
5. Pensarás melhor antes de falar.
6. Verás menos vezes a série *Angel*.
7. Lembrar-te-ás de que Angel é um vampiro de 250 anos que namorou com a Buffy, a Caçadora de Vampiros, e não o homem com quem ficarás para todo o sempre.

Simples. Não? Fácil. Não? E violei dois deles em... ora vejamos... em quatro horas.

Capítulo 1

desejo do coração

Culpo a Oprah.

A culpa é toda dela.

Isto é, se não fosse ela, eu estaria a acordar, por volta desta hora, para «só» mais um fim-de-semana. O costume: televisão ao sábado de manhã, umas voltas pelo centro comercial de Bromley, luta por comida no Sava-centre.

Em vez disso, estou espedada na estação de comboios de Leeds, com todos os meus bens materiais aos pés.

Desta vez, fi-la bonita, *não fiz?* Já fiz algumas parvoíces na vida, a maioria das quais teve a ver com sexo, dinheiro ou sapatos, mas, desta vez, superei-me. E tudo se resume à Oprah Winfrey.

Tudo começou de maneira bastante inocente. Acordei um dia e não *consegui*.

Não consegui levantar-me, tomar um duche, vestir-me, ir para a estação, apanhar o comboio, ir para o trabalho. Não consegui, por isso, telefonei a dizer que estava doente e assisti ao programa da *Oprah*. A partir daí, a vida começou a correr-me mal.

Até então, as dúvidas que eu tinha em relação à minha vida eram algo abstractas. Limitavam-se a pairar no fundo da minha consciência. Contudo, depois daquele dia em que fiquei em casa sob o pretexto de estar doente, essas dúvidas e inseguranças passaram a ter voz. A voz da apresentadora de um programa de *talk show* americano.

Primeiro, comecei a gravar o programa da Oprah. Todos os dias. Seguidamente, expressões como «desejo do coração» e «não se muda aquilo que não se assume» nunca andavam longe dos meus lábios. Depois, foi a vez dos livros. Tornei-me o Noé dos manuais de auto-ajuda. Amontoava-os dois a dois, como se, em vez de um dilúvio, se avizinhasse uma profética seca de auto-ajuda, uma seca que, para mim, já estava, efectivamente, quase a abater-se sobre nós. Passados alguns instantes – ou talvez tenham sido meses –, rumava a Leeds, com um bilhete de ida na mão. Pois era para lá que pendia o desejo do meu coração. Supostamente. A trezentos quilómetros de distância de tudo o que eu conhecia e amava.

Olhei para a minha mala e para o meu saco de viagem.

QUE DIABO FIZ EU?

Deixei tudo para voltar à faculdade, foi isso que fiz.

A trezentos quilómetros de distância, em Londres, eu tinha uma vida. Tinha casa própria. Dois televisores, um sofá, um guarda-fatos, estantes com livros, prateleiras com vídeos, uma cama de madeira antiga restaurada. Não era uma peça baratucha de fácil montagem. Foi feita de propósito para mim, com madeira antiga. Quantas pessoas podiam dizer o mesmo? Não muitas, essa é que é essa.

No sul, eu tinha amigos. Montes deles. Não conseguia chegar ao fundo da minha rua sem tropeçar neles. Aqui, tinha Jessica, a minha melhor amiga, e... e...

Faltou-me o ar no peito e o meu coração começou a palpitar na caixa torácica. *Meu Deus. Estou louca. Estou realmente louca.* (Tal revelação era comparável à descoberta de que nunca iria casar com o Arnold Schwarzenegger. Tirando o facto de ter chorado muito daquela vez.)

Foi o que todos me disseram. A minha família, os meus amigos, os meus colegas. Todos me lembraram o esforço que tinha feito para pagar as dívidas contraídas durante os estudos, comprar um apartamento, decorá-lo e tornar-me respeitada na minha profissão. «Vais abdicar de tudo para voltar a viver num quarto? Porquê, ao certo?»

A resposta breve seria: «Porque a Oprah me disse para o fazer».

Expliquei, porém, que estava de partida porque a vida é demasiado longa e não demasiado curta. E se eu chegasse aos noventa anos com a memória intacta? Não ficaria *mais* chateada se chegasse a uma idade tão

avançada e percebesse que não tivera coragem para seguir o verdadeiro desejo do meu coração e fazer o que realmente queria da minha vida, em vez de continuar a viver o dia-a-dia, por ser mais fácil não abanar o barco? A vida é demasiado longa para que não o faça, para não ser fiel a mim mesma. A maioria das pessoas compreendeu quando o troquei por miúdos. Ou isso, ou perderam o interesse a meio e concordaram comigo para que eu me calasse.

Mas porque é que ninguém me impediu? Se eu realmente pensasse que alguém ia fazer o que eu tinha feito por causa de um programa de *talk show* americano e a uns quantos volumes de auto-ajuda, teria protagonizado um pequeno rapto e procurado neutralizar os efeitos das teorias de auto-ajuda. Mas isso era eu, como é evidente.

De qualquer maneira, já é tarde de mais, não é, Ceri D'Altroy? Agora, estás aqui, contam contigo na segunda-feira e já está outra pessoa a morar no teu apartamento. Mais vale despachares isto de uma vez. Começar a lidar com o presente. (Lidar com o presente? Lidar com o presente?! Até já pensava como um convidado da Oprah. A pessoa que eu era antes de estar sob a influência da Oprah teria dito: «Pronto, Ceri, toca a mexer».)

Pus o saco de viagem ao ombro, agarrei na asa da mala com renovada determinação e vigor e, depois, dirigi-me à fila de táxis no exterior.

Enquanto cambaleava em direcção à saída da estação, mantive o meu campo de visão reduzido, com a cabeça baixa e o cabelo preto pelo queixo a esconder-me o rosto. Andava muitas vezes assim, como se carregasse nos ombros o peso do mundo, bem como de metade do meu apartamento. Não era propriamente infeliz. Na verdade, tinha aprendido a não levantar a cabeça. A não olhar ninguém na cara, nem iniciar o contacto visual. Nesta altura dos acontecimentos, em que eu já estava frágil, a última coisa de que precisava era estabelecer contacto visual com um desconhecido. Chamar a atenção era meio caminho andado para darmos por nós a aderir a um cartão de crédito, a dar um número de telefone falso a um anormal qualquer ou a ouvir a história da operação à vesícula biliar de uma velhota. Pelo menos, era isso que me acontecia. Com regularidade. Com maior regularidade do que devia ser estatisticamente possível. A maioria das pessoas não entrava num autocarro e saía, quinze minutos depois, a saber a vida toda da mulher que ia sentada ao seu lado. Não era o meu caso. Havia linhas de autocarro inteiras

em que eu conhecia a maioria dos passageiros pelos seus padecimentos e não pelo nome.

Era o meu talento, o meu dom. Extrair inadvertidamente informações pessoais a perfeitos desconhecidos. Nunca tive coragem para mandar tais pessoas bugiar, nem sequer para as ignorar. O máximo que podia fazer era começar logo por não estabelecer contacto visual. Descobri que era perfeitamente possível realizar noventa e dois por cento das minhas actividades diárias sem olhar ninguém nos olhos.

Com esforço, voltei a pôr o saco de viagem, que estava a escorregar, no ombro esquerdo, ignorando o facto de a minha mochila estar a lacerar-me a zona macia e carnuda entre o pescoço e os ombros. *Eu consigo fazer isto. Eu consigo fazer isto*, repetia dentro da minha cabeça.

Ainda não tinha passado pela entrada de Menzies quando uma pessoa se atravessou no meu caminho. Bolas. Às vezes, acontecia. A estratégia de «ausência de contacto visual» não resultava. As pessoas abordavam-me na mesma. Ainda assim, podia escapar-me, se mantivesse a cabeça baixa e continuasse a andar.

– Desculpe – balbuciei e desviei-me para o meu lado esquerdo sem levantar a cabeça.

A pessoa desviou-se também.

Desviei-me para a direita e a pessoa fez o mesmo.

Esquerda, e lá foi a pessoa para a esquerda. Continuámos assim a dançar – da direita para a esquerda e da esquerda para a direita – durante mais alguns segundos, até eu tentar enganá-la, dando um passo para a esquerda, mas indo, na verdade, para a direita.

O meu plano de fuga foi, porém, gorado por uma demoníaca obstrução corporal. A pessoa apanhou-me com a boca na botija. Eu ia tornar-me Testemunha de Jeová dentro de... ora vejamos... três minutos.

Com um suspiro silencioso, levantei a cabeça.

Não fui saudada por uma revista que prometia salvar-me a alma (mas deixar-me morrer, caso viesse a precisar de uma transfusão de sangue), mas, em vez disso, foi-me atirada à cara uma placa de cartão, na qual podia ler-se:

Kerry Dalboy

Os meus olhos precipitaram-se para o espaço acima da placa. Jess dirigiu-me um sorriso tão largo que eu mal lhe via o rosto.

– Bem-vinda a casa, querida – exclamou Jess e pôs os braços à volta do meu pescoço. Ao fazê-lo, o peso de nós duas juntas somou-se ao da minha mochila atafalhada, e, antes que pudéssemos fazer alguma coisa, caímos no chão.